

Estudos da Língua(gem)

Estados diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa

PB e PE: orientação para o discurso importa?

BP and EP: does discourse orientation matter?

João COSTA*

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

RESUMO

As diferenças sintáticas existentes entre as variedades europeia e brasileira do português têm recebido muita atenção na literatura recente no quadro do modelo de Princípios e Parâmetros. De acordo com alguns autores, a variedade brasileira tornou-se uma língua orientada para o discurso e de proeminência de tópico. Defende-se neste artigo que algumas das construções tradicionalmente utilizadas como argumento a favor da ideia de que o português brasileiro é uma língua orientada para o discurso também se encontram em português europeu. Desta forma, argumenta-se que a principal diferença entre as duas variedades está em propriedades sintáticas abstractas associadas a Infl, dispensando-se primitivos discursivos na componente sintáctica.

PALAVRAS-CHAVE

Variação. Tópico. Concordância. Parâmetro. Sujeito.

*Sobre o autor ver página 143.

ABSTRACT

The syntactic differences between the European and the Brazilian varieties of Portuguese have received much attention in recent literature within the Principles and Parameters framework. According to some authors, the Brazilian variety became a discourse-oriented language with topic prominence. In this article, it is contended that some of the constructions traditionally used in favour of the idea that Brazilian Portuguese is a discourse-oriented language can also be found in European Portuguese. Accordingly, it is argued that the main difference between the two varieties is in abstract syntactic properties associated to Infl, which dispenses with discourse primitives in the syntactic component.

KEYWORDS

Variation. Topic. Agreement. Parameter. Subject.

1 Introdução

Entender a variação entre duas gramáticas tão próximas quanto as do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB) abre uma janela óptima para uma compreensão dos factores de micro-variação paramétrica entre línguas, face à proximidade entre estas duas variedades (GALVES, 2001). Vários estudos recentes sobre o PB têm apontado vários aspectos sintácticos em que o PB se tem vindo a distanciar do PE, sobretudo no que diz respeito ao comportamento dos sujeitos (DUARTE, 1993 e trabalhos seguintes) e ao que aparenta ser um comportamento diferenciado dos tópicos (PONTES, 1987). A observação de algumas destas diferenças leva alguns autores a propor que o PB se tenha distanciado do PE por se ter tornado uma língua de proeminência de tópico, no sentido de Li e Thompson (1976), adquirindo um estatuto de língua orientada para o discurso (DUARTE; KATO, 2008). Nesta perspectiva, estaríamos perante uma mudança macro-paramétrica, no sentido de Baker (1995), uma vez que se teria dado uma mudança não numa pequena característica da língua, mas numa propriedade que permite distinguir uma língua em termos tipológicos e que abarca todo um feixe de sub-parâmetros e propriedades.

O meu objectivo neste artigo é questionar se, de facto, a diferença entre o PB e o PE é explicável em termos de um macro-parâmetro de orientação discursiva. A minha argumentação será baseada em dois eixos principais: por um lado, mostrarei que algumas das construções que têm sido usadas para mostrar a evolução diferenciada do PB face ao PE também existem nesta variedade; por outro lado, questionarei se alguns dados constituem evidência robusta para uma caracterização enquanto proeminência de tópico. Mostrarei ainda que algumas das principais diferenças entre as duas variedades assentam no comportamento da concordância, o que indicará que a mudança sintáctica se baseia nas propriedades de Infl e não em aspectos macro-paramétricos. Finalmente, questionarei se a teoria sintáctica necessita de primitivos discursivos.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: na secção 2, apresento os principais argumentos que têm sido apresentados a favor da ideia de que o PB é uma língua orientada para o discurso; na secção 3, discuto os dados do PE que põem em causa a hipótese de que há uma diferença de estatuto entre as duas variedades no que concerne uma hipotética orientação para o discurso e mostro que as principais diferenças estão no sistema de concordância. Na secção 4, apresento alguns argumentos para uma visão mais autónoma da sintaxe, discutindo o *locus* da variação sintáctica e, na secção 5, são apresentadas as principais conclusões do artigo.

2 O PB como língua orientada para o discurso

É inegável que o PE e o PB apresentam actualmente inúmeros factores de variação sintáctica. Um dos principais contributos para o estudo da variação sintáctica no quadro da Teoria dos Princípios e Parâmetros deve-se a Duarte (1993), que mostrou a tendência do PB para uma redução significativa na percentagem de sujeitos nulos referenciais e um aumento correspondente na produção de pronomes referenciais plenos. Contudo, não é possível dizer-se que o PB se tenha transformado numa língua de sujeito pleno como o inglês ou o francês,

uma vez que ainda admite sujeitos nulos em vários contextos, como no caso de sujeitos expletivos ou de sujeitos controlados por um tópico discursivo (FIGUEIREDO SILVA, 1996).

Pontes (1987) observa que, em PB, ao contrário do que acontece em PE, são possíveis construções como (1), em que um tópico desencadeia concordância com o verbo:

(1) Essas casas batem sol.

Esta observação de que a concordância verbal pode afectar tópicos leva esta autora a sugerir que o PB tenha evoluído no sentido de se tornar uma língua de proeminência de tópico, no sentido de Li e Thompson (1976). De acordo com estes autores, uma língua de proeminência de tópico distingue-se de uma língua de proeminência de sujeito por as operações sintácticas serem sensíveis a funções discursivas (como tópico) e não a funções argumentais (como sujeito).

Esta hipótese tem sido amplamente explorada nos trabalhos de E. Duarte, que a estende para outras construções e a adopta como forma de explicação para o facto de o PB não estar a evoluir no sentido de uma língua de sujeito pleno do tipo inglês ou francês. Duarte (2004) e Duarte e Kato (2008) listam as seguintes construções como argumentos a favor da caracterização do PB como língua de tópico:

a) Construção 1: Ocorrência irrestrita de sujeitos duplos.

Como se pode observar em (1), o PB admite redobro de sujeitos por um pronome em construções reminiscentes da deslocação à esquerda existente em francês, descrita por exemplo em Rizzi (1986) e ilustrada em (2):

- (1) a. [Essa competência]_i *ela_i* é de natureza mental.
 b. [Mulher nenhuma]_i *ela_i* pode querer dominar o homem. [[O homem]_i *ele_i* é livre por natureza. [A mulher]_i *ela_i* tem que aceitar isso.
 c. [Toda criança]_i *ela_i* aprende rápido a gostar de coca-cola.
 d. [O que é bom, o que é de qualidade]_i *ele_i* fica; [o que é ruim]_i *ele_i* se perde.

- (2) Jean, il est lá.
Jean, ele está ali.
“Jean está ali.”

Esta construção de redobro tem propriedades peculiares, uma vez que é possível com DPs não animados, como em (1a), com DPs genéricos, como em (1b), com DPs quantificados (1c) e até com relativas livres (1d).

b) Construção 2: Sujeitos lexicais locativos e deícticos (DUARTE 2004).

Apesar da perda gradual de sujeitos nulos referenciais em PB não ser acompanhada de um aumento do número de sujeitos nulos expletivos, Duarte (2004) observa que são frequentes os casos de preenchimento da posição de sujeito de verbos meteorológicos por sujeitos lexicais locativos ou deícticos, conforme ilustrado em (3). Que este preenchimento se faz na posição de sujeito torna-se evidente pelo facto de haver casos de concordância visível entre o sujeito lexical locativo e o verbo, como em (3c):

- (3) a. Aqui ‘tá quente.
b. São Paulo chove; o Rio faz sol.
c. Essas florestas chovem muito.
d. Petrópolis, aquilo chove demais.

De acordo com Duarte (2004), todos estes casos instanciam configurações em que um tópico é atraído para a posição de especificador mais alta, preenchendo, em alguns casos, a posição de sujeito.

c) Construção 3: Construções existenciais personalizadas com a inserção de pronomes.

Vários autores têm mostrado que o verbo *ter* com valor existencial,

que, numa língua de sujeito nulo teria um sujeito nulo expletivo, pode ocorrer com um pronome pré-verbal que preenche a posição de sujeito (KATO; TARALLO, 1986, DUARTE, 2004, CALLOU; DUARTE, 2005, CALLOU; AVELAR, 2007). As frases em (4) ilustram esta possibilidade:

- (4) a. 'Cê *tem* prédios lindos em Londres.
 b. Eu *tenho* uma papelaria ali na esquina que tira cópia baratinho.
 c. A gente não *tem* mais comércio no centro da cidade.

De acordo com algumas interpretações, o pronome inserido preenche a posição do sujeito, mas é simultaneamente interpretado como um tópico discursivo.

d) Construção 4: Hiperelevação do sujeito com “parecer” (FERREIRA, 2000, e.o.).

Conforme se mostra em (5), em PB são possíveis construções em que um sujeito encaixado de uma completiva finita é elevado para a posição de sujeito matriz do verbo “parecer”, o que não é esperado de acordo com a análise clássica de elevação, baseada em caso:

- (5) a. Tem ocasiões que eu_i nem pareço [que *t_i* sou brasileiro].
 b. [Caso [as aulas]_i pareçam [que *t_i* vão voltar]]eu mando eles pra escola de novo.
 c. Quando eu brigo, eu pareço [que eu vou explodir de raiva].
 d. Vocês parecem [que vocês não pensam na vida].

Também esta construção é interpretada, por exemplo em Duarte e Kato (2008), como derivando da configuração discursiva da gramática do PB e, mais precisamente, como reflexo de o PB se ter tornado uma língua de proeminência de tópico.

e) Construção 5: Ergatização de verbos transitivos.

Outra construção geralmente apontada como evidência para analisar o PB como uma língua com proeminência de tópico é a ergatização de verbos transitivos, em que um complemento de um verbo transitivo é promovido, passando a realizar-se como sujeito de um verbo ergativo, conforme as frases em (6) atestam:

- (6) a. A revista tá xerocando.
b. Com a reforma, meu jardim destruiu inteirinho.

f) Construção 6: Elevação de genitivos em construções inacusativas.

Finalmente, são possíveis em PB frases como as exemplificadas em (7), em que um genitivo, por ser tópico, se eleva para a posição de sujeito do verbo matriz, preenchendo essa posição e desencadeando concordância verbal:

- (7) a. [Meu carro]_i furou [o pneu t_i]
b. [Minhas pernas]_i racharam [a pele t_i].

É o conjunto destas seis propriedades, mais do que cada uma delas isoladamente, que tem levado os autores referidos a propor que o PB, ao contrário do PE, evoluiu de um estatuto de língua de proeminência de sujeito para língua de proeminência de tópico, sendo, portanto, uma língua orientada para o discurso. Neste sentido, existe entre as duas variedades do português uma variação macro-paramétrica, no sentido de Baker (1995), que coloca estas duas línguas em grupos tipológicos opostos.

É importante ressaltar que Duarte e Kato (2008) levantam a hipótese de que, na verdade, o PB tenha um estatuto misto de língua de proeminência de sujeito e de tópico. Esta análise procura garantir que, apesar da mudança paramétrica, se explicam as propriedades de língua de configuracionalidade sintáctica que ainda podem ser detectadas no PB. A meu ver, esta hipótese carece de testagem. Haverá casos de neutralização, em que funções sintácticas e discursivas compitam para uma mesma posição ou para afectação por um determinado processo.

Nestes casos, espera-se que se torne visível qual a opção *default* na língua, num mecanismo de “emergência do não marcado” semelhante ao que prediz a Teoria da Optimidade de Prince e Smolensky (1993).

De qualquer forma, tendo em conta as propriedades listadas acima, que se retiraram da literatura e são geralmente dadas como caracterizadoras do PB enquanto língua de proeminência discursiva, espera-se que estas sejam distintivas face ao PE.

3. As propriedades de língua orientada para o discurso do PB em PE

Antes de começar a avaliar a robustez empírica da especificidade de algumas construções no PB, gostaria de tecer alguns comentários a propósito da validade da construção de sujeitos duplos do PB enquanto propriedade de língua de proeminência de tópico. O racional por trás desta ideia é o de que o PB seria uma língua que recorre massivamente a uma estratégia de deslocação à esquerda e que, desta forma, esta representação dos sujeitos decorre de uma refixação do parâmetro do sujeito nulo, o que faz com que haja bastantes sujeitos topicalizados.

Contudo, conforme defendido em Silva (2004) e Costa, Duarte e Silva (2006), há diferenças substanciais entre a construção de deslocação à esquerda e a construção de sujeitos duplos em PB. Tomando como referência as propriedades da deslocação à esquerda de sujeitos em francês, segundo a descrição de De Cat (2003), Costa, Duarte e Silva (2006) concluem que os sujeitos duplos do PB não podem ser vistos como construções de promoção de tópico ao contrário do que acontece em francês. Citando apenas alguns dos argumentos dados pelos autores, enquanto em francês se pode observar que o antecedente do pronome não pode ser informação nova, em PB um sujeito duplo pode surgir em contexto “out-of-the-blue”, o que mostra que não tem estatuto de tópico. De igual modo, enquanto em francês um sujeito quantificado não pode ser redobrado por um pronome (8), em PB essa restrição não ocorre, como se atestou nos dados de (1):

- (8) *Chaque enfant, il apporte son livre à l'école.
Cada criança ele leva seu livro à escola

Observando que os sujeitos que antecedem os pronomes em PB não têm as propriedades referenciais dos elementos deslocados, o que não atesta proeminência de tópico, Costa, Duarte e Silva (2006) propõem que o pronome que ocorre nos sujeitos duplos em PB é uma “soletração” do traço de pessoa que se realiza desta forma, uma vez que quase desapareceu da flexão verbal, que tem vindo a enfraquecer. Um corolário desta análise é que os sujeitos duplos não serão marca de orientação para o discurso nesta língua, uma vez que o pronome marca um traço de pessoa e não um traço de topicalidade. Desta forma, a diferença entre PE e PB não está no sistema de promoção de tópico, mas sim na forma como o traço de pessoa se realiza: em Infl em PE e “soletrado” como um pronome livre em PB.

Consideremos agora as restantes construções. Se, como foi dito acima, o PB se distancia do PE por ter evoluído no sentido de se tornar uma língua orientada para o discurso de proeminência de tópico, espera-se que as construções que a caracterizam enquanto tal não se atestem na gramática do PE. Veremos que tal não é verdade e que algumas das construções descritas não são exclusivas do PB. Uma vez que a construção 1 (ocorrência irrestrita de sujeitos duplos) já foi descartada como irrelevante para uma identificação de proeminência de tópico, esta construção não será considerada.

- a) Construção 2: Sujeitos lexicais locativos e deícticos.

Tal como o PB, o PE admite o preenchimento da posição pré-verbal de verbos meteorológicos com elementos lexicais locativos e deícticos. Em (9), apresentam-se dois exemplos retirados da internet:

- (9) a. “O Largo Camões, aquilo faz um frio”
<http://forumusica.com/?showtopic=52164&st=360> (21/07/09)
b. “Podem-me chamar de parva, de burra, de tudo, por ter voltado a Idanha

(sim porque aquilo faz um calor desgraçado)! “
www.fotolog.com (21/07/09)

Ao contrário do que se poderia pensar, estes exemplos não são infrequentes, sendo fácil construir exemplos claramente reconhecíveis como gramaticais por qualquer falante do PE, como em (10):

- (10) a. Aqui está calor.
b. O Barlavento faz mais vento.

Podemos, assim, concluir que o PE também tem sujeitos lexicais locativos e deícticos, ou seja, a construção 2 ilustrada acima existe nesta gramática. O que parece ser, de facto, inexistente são construções em que o sujeito locativo desencadeia concordância plural com um verbo meteorológico, como no exemplo **Estas florestas chovem muito*. Nesta medida, é legítimo questionar o que torna as duas variedades diferentes: o sistema de preenchimento de posição pré-verbal ou o sistema de concordância? À primeira vista, parece ser o sistema de concordância, uma vez que as duas gramáticas não são diferentes na estratégia de preenchimento da posição pré-verbal com elementos lexicais locativos e deícticos.

b) Construção 3: Construções existenciais personalizadas com a inserção de pronomes.

Num trabalho sobre a especificação dos traços que compõem os pronomes em PE, I. Duarte et al. (2002) mostram que a maior parte dos pronomes pessoais pode ser utilizado com valores indeterminados. Estes valores indeterminados ocorrem não apenas em frases genéricas, como em (11), mas também em construções existenciais semelhantes às descritas para o PB, conforme se ilustra em (12):

- (11) A gente tenta sempre fugir ao fisco.
(12) a. A gente tem uma boa padaria no bairro.
b. Nós temos muita corrupção no país.
c. Tu tens muitos perigos em Setúbal.
d. Eu tenho um aeroporto perto de casa e não consigo dormir.

Em todos os casos listados em (12), as frases poderiam ser parafraseadas por uma construção existencial com *haver* e sem sujeito. Podemos, assim, concluir que, tal como o PB, o PE apresenta construções existenciais com pronomes lexicais realizados, não havendo, portanto, neste domínio qualquer diferença a assinalar entre as duas variedades do português.

c) Construção 4: Hiper-elevação do sujeito com “parecer”.

Costa e Rooryck (1995) propõem uma análise para dados do PE, que tratam como pseudo-elevação, que não são distintos do que, na literatura sobre o PB, tem sido chamado de hiper-elevação:

- (13) a. Eu pareço que estou cansado.
 b. Tu pareces que estás parvo.
 c. Nós parecemos que estamos doentes.

Esta construção também envolve um sujeito matriz associado a “parecer”, desencadeando concordância com este verbo, num contexto em que parece ter sido extraído da completiva finita encaixada. Construções deste tipo são bastante produtivas em PE, sendo bastante fácil encontrar dados deste tipo em pesquisas simples. Em (14), a construção é exemplificada com alguns dados retirados da internet:

- (14) a. Não sei de que região és natural, mas pareces que estás numa pega.
www.foruns.clix.pt
 b. As pessoas dizem que eu nem pareço que tenho 17 anos.
www.autohoje.pt
 c. Escrever é bom, sobretudo quando não temos alguém em quem confiar, quando estamos sozinhos e **parecemos que vamos rebentar** e então explodimos
www.poetisasonhadora.blogs.sapo.pt
 d. oh esquece eu às vezes até pareço que como palha com um garfo.
www.psp-news.org

De acordo com Costa e Rooryck (1995), esta construção em PE está sujeita a algumas restrições aspectuais, sendo interessante explorar

em trabalho futuro se o mesmo se aplica em PB. Por agora, basta relevar como conclusão importante para os fins do presente artigo o facto de a pseudo/hiperelevação não ser exclusiva do PB.

e) Construção 5: Ergatização de verbos transitivos.

Também a ergatização de verbos transitivos não parece ser exclusiva do PB. Os dados em (15) ilustram vários casos de verbos transitivos realizados como ergativos:

- (15) a. O trabalho está a imprimir.
 b. O bolo está a cozer.
 c. Com o calor, a manteiga derreteu todinha.
 d. A fábrica fechou com a crise.
 e. A cadeira baloiçou com o vento.

Os pares transitivos/ergativos encontram-se bem atestados em PE (FIÉIS 2003, e.o.) e não parecem ser uma inovação na língua, uma vez que, de acordo com Fiéis (2003) estão documentados desde estádios bastante antigos do português.

f) Construção 6: Elevação de genitivos em construções inacusativas.

É nesta última construção que podemos, finalmente, encontrar uma diferença real entre as duas gramáticas do português. Em PE, são agramaticais frases como as apresentadas em (16):¹

- (16) a. *Essas casas batem sol.
 b. *Os meus vizinhos morreram a mãe.
 c. *As minhas duas árvores apodreceram a raiz.

¹ É interessante observar que, numa apresentação pública deste trabalho em Salvador, nenhum membro do público, falante nativo de PB, reconheceu como possíveis as frases (16b) ou (16c). Note-se que estas frases têm uma estrutura completamente paralela à de (7b). Esta estranheza perante duas frases estruturalmente iguais permite pôr em causa a produtividade deste processo mesmo em PB. Observe-se que, em PE, conseguiu-se atestar uma ocorrência desta construção, ilustrada em (i):

(i) “O meu carro avariou o elevador do vidro eléctrico”
<http://foruns.pinkblue.com/Topic1729434-13-11.aspx>

Esta questão foge, porém, ao escopo deste trabalho, devendo ficar reservada para investigação futura.

São, contudo, possíveis topicalizações selvagens em PE (I. DUARTE 1987, 1996), conforme se pode ver nos dados em (17):

- (17) a. Essas casas, bate imenso sol.
b. Os meus vizinhos, morreu a mãe.
c. As minhas duas árvores, apodreceu a raiz.
d. O meu carro, furaram os pneus.
e. As minhas pernas, rachou a pele.

A comparação entre os dados de (17) e as estruturas que são possíveis em PB permite identificar os factores mínimos de variação. Crucialmente, as duas gramáticas – do PE e do PB – não se distinguem pela estratégia de promoção de tópico, uma vez que ambas recorrem a mecanismos sintácticos de anteposição de tópico para a periferia esquerda da frase. O que é crucialmente diferente entre as duas gramáticas parece ser o sistema de concordância, tal como já tínhamos visto acima. Ao contrário do que acontece em PE, em PB o verbo pode concordar com o tópico. Desta forma, pode colocar-se a hipótese descritiva de a verdadeira diferença entre gramáticas estar no sistema de concordância, conforme proposto em Costa e Galves (2002).

Até aqui, parece-me ser possível extrair uma conclusão parcelar da observação dos dados. Das seis construções que distinguiriam PB de PE, caracterizando aquela como língua com proeminência de tópico, foi-nos possível concluir que uma não é caracterizadora de tópicos, uma vez que envolve o redobro de DPs que não têm propriedades referenciais de tópicos; adicionalmente, foi-nos possível observar que quatro das seis construções não distinguem as duas gramáticas, uma vez que o PE tem as construções que se esperaria serem exclusivas do PB. Assim, das seis, apenas uma construção poderá distinguir as duas variantes – a elevação de genitivos. Contudo, nesta construção, foi-nos possível observar que se torna mais relevante o processo de concordância do que o processo de promoção de tópico, dado que este não distingue as duas variantes.

Interessa, agora, entender como dar conta da variação – ainda que residual – existente entre as duas variedades.

4 O *locus* da variação.

Concluimos na secção anterior que o PE não se distingue do PB na maior parte das construções tradicionalmente listadas como caracterizadoras do PB enquanto língua de configuracionalidade discursiva e de proeminência de tópico. Perante esta observação abrem-se dois caminhos para entender as semelhanças e diferenças entre as duas gramáticas do português.

O primeiro caminho seria dizer que o PE e o PB não se distinguem nas construções indicadas, porque o PE também é uma língua de configuracionalidade discursiva e de proeminência de tópico. Este não parece, porém, ser um caminho interessante a explorar por várias razões. Em primeiro lugar, toda a discussão da variação se tornaria vazia, uma vez que tal seria dizer que as duas gramáticas são idênticas enfatizando agora apenas as semelhanças e anulando as diferenças. Em segundo lugar – e de forma mais clara – é possível mostrar que a configuracionalidade discursiva é um instrumento de utilidade bastante limitada na descrição do comportamento de uma dada língua (Costa 2010). Num trabalho de comparação entre o PE e o PB no que diz respeito à distribuição de argumentos em contexto de foco informacional, Costa e Figueiredo Silva (2006) mostram que não há qualquer vantagem na inclusão de noções discursivas enquanto primitivos sintácticos, uma vez que tal não traz qualquer ganho em termos descritivos.

Costa e Figueiredo Silva (2006) mostram, por exemplo, que a variação na distribuição de sujeitos pré- e pós-verbais em PE e PB é primariamente condicionada pela sintaxe dos sujeitos nulos e não por restrições de natureza discursiva codificadas na componente sintáctica. Neste trabalho, defende-se ainda que o “scrambling” de argumentos internos não distingue as duas gramáticas, o que atesta que não há macro-variação em função de questões discursivas, que as construções de elipse e de objecto nulo não distinguem as duas gramáticas por sensibilidade a tópico e que, em ambas as gramáticas, se recorre a invisibilidade métrica (*stress shift*) como estratégia de último recurso. Estas observações convergem

para dois resultados: por um lado, não há diferenças significativas entre as duas línguas em termos de orientação para o discurso; por outro lado, o facto de haver estratégias de último recurso indica que a componente sintáctica não tem ao seu dispor instrumentos de natureza discursiva. Por outras palavras, a sintaxe manipula instrumentos de natureza sintáctica e gera ordens de palavras que serão interpretadas pela componente discursiva pós-sintacticamente.

O modelo que aqui advogo é, portanto, um modelo em que a sintaxe funciona de forma bastante autónoma. Tal como proposto em Vallduví (1992) ou Erteschik-Shir (1997), a componente discursiva funciona como um módulo autónomo, que é alimentado pelas estruturas geradas pela componente sintáctica. Esta “sintaxe sem discurso”, de acordo com Newmeyer (2007) garante, inclusive, a manutenção de alguns dos princípios básicos da sintaxe generativa, que assentam na ideia de que a sintaxe é autónoma e que as operações sintácticas não lidam com informação de natureza semântica, fonológica ou discursiva.

Em síntese, de acordo com as ideias defendidas nesta pequena excursão mais teórica, não se espera que o *locus* de variação entre as gramáticas do português que explica as diferenças sintácticas seja de natureza discursivo, uma vez que tal não é previsto pelo quadro teórico nem tão pouco adequado empiricamente.

Interessa, agora, propor uma alternativa capaz de dar conta da variação observada. Recorde-se que, na secção anterior, foi possível observar que as principais diferenças entre o PB e o PE não residiam nas estratégias de promoção de tópico. Em ambas as gramáticas, os tópicos podem ser promovidos através de mecanismos de anteposição. O que parece ser crucialmente diferente é o sistema de concordância que opera na gramática do PB, que permite que se encontre concordância entre o tópico e o verbo. Esta possibilidade não se encontra em PE.

Atribui-se ainda ao sistema de concordância, em particular ao enfraquecimento da flexão verbal do PB, a emergência dos pronomes nas construções de sujeito duplo como forma compensatória de soletração da marca flexional de pessoa.

Assim, todas as reais diferenças listadas na secção anterior se podem resumir a uma categoria – a flexão – e às suas propriedades. Esta conclusão corresponde a um desiderato bastante comum na teoria sintáctica generativa: o de localizar a variação sintáctica em núcleos funcionais precisos ou em algumas das suas propriedades (CHOMSKY, 1995). No caso concreto em análise, o factor crucial de diferença será micro-paramétrico e estritamente sintáctico: as propriedades de Infl, que, tendo mudado, determinam a realização da morfologia flexional e os mecanismos de legitimação das formas pronominais. Por extensão, Infl determinará também os mecanismos associados à legitimação dos sujeitos (por relações de especificador-núcleo ou de *Agree*).

A localização da real fonte de variação num micro-parâmetro estritamente sintáctico traz algumas consequências interessantes. Por exemplo, espera-se agora que o início das mudanças que determinam as diferenças entre a gramática do PE e do PB se possa ter dado internamente à componente sintáctica. Alguns dados apontam neste sentido. Ribeiro (2008) mostra, a partir de dados do português popular brasileiro do século XIX, que a perda de sujeitos nulos referenciais não pode ser visto como uma consequência do enfraquecimento da morfologia verbal, mas que esta será uma causa daquela mudança sintáctica. De igual modo, das várias propriedades associadas à refixação do parâmetro do sujeito nulo, sabe-se que um dos dados mais estabilizados é a perda de ordens VS para codificação de foco informacional (BERLINCK, 1995), o que indica que a mudança sintáctica mais do que a morfológica está já mais estabilizada.

Todos estes dados conduzem a uma conclusão: a de que a variação sintáctica entre o PE e o PB será melhor entendida se se procurarem os micro-parâmetros sintácticos que explicam as diferenças entre as duas gramáticas. No caso sob observação, esse micro-parâmetro parece relacionar-se com as propriedades de Infl.

5 Conclusões

Começámos por observar, no início deste artigo, que uma descrição mais fina das semelhanças e diferenças entre PE e PB deve apontar os domínios de microvariação sintáctica. Esta micro-variação pode, contudo ser concebida em termos formais como envolvendo macro-parâmetros que colocam as línguas em “famílias tipológicas” distintas, apesar das aparências de semelhança, ou como envolvendo micro-parâmetros sintácticos que reduzem a variação interlinguística a aspectos de grande pormenor.

A evidência aqui discutida aponta para a microvariação sintáctica ser explicada em termos de micro-parâmetros abstractos, que não envolvem outras componentes da gramática. Em particular, mostrou-se a vantagem de uma exploração das diferenças entre o PE e o PB sem se recorrer, na componente sintáctica a primitivos de natureza discursiva.

Os dados apresentados favorecem a visão tradicional da gramática generativa da sintaxe como componente autónoma. Nesta medida, a mudança sintáctica e a variação interlinguística na sintaxe podem ser explicadas sem o recurso a factores externos à componente sintáctica que provoquem a mudança ou sem que tenha de se assumir que a variação na sintaxe depende de variáveis externas a esta componente. Por outras palavras, quer para a mudança, quer para a variação, assume-se que as diferenças sintácticas se podem dever a factores puramente sintácticos.

REFERÊNCIAS

BAKER, M. **The polysynthesis parameter**. New York: Oxford University Press, 1995.

BERLINCK, R. **La Position du sujet en Portugais**. Ph.D. Dissertation - Leuven, Katholieke Univ.; UNICAMP, 1995.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre a emergência do verbo possessivo em

contextos existenciais na história do português. In: CASTILHO, A. et al. (Org.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 375-402.

CALLOU, D.; DUARTE, E. A fixação do verbo ter em contextos existenciais. In: 20º ENCONTRO DA APL, Lisboa, 2005. **Actas do 20º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2005. p. 149-156.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

COSTA, J. Prosodic proeminence: a syntactic matter? In: ERTESCHIK-SHIR, N.; ROCHMAN, L. (ed.) **The sound pattern of syntax**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 93-109.

COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. On the (in)dependence relations between syntax and pragmatics. In: MOLNÁR, V.; WINKLER, S. (ed.). **The Architecture of Focus**. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 83-104.

COSTA, J.; GALVES, C. External subjects in two varieties of Portuguese. In: BEYSSADE, C. et al. (Org.). **Romance Languages and Linguistic Theory 2000**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 109-125.

COSTA, J.; ROORYCK, J. On Pseudo-Raising in English and Portuguese. In: NASH, L. et al (Org.). **Proceedings of Langue et Grammaire 2**, Paris VII, 1995. p. 48-58.

COSTA, J.; DUARTE, I.; SILVA, C. R. Construções de redobro em português brasileiro: sujeitos tópicos *vs* soletração do traço pessoa. **Revista Leitura**, n. 33. jul./dez. p. 135-145, 2006.

De CAT, C. **French dislocation**. Doctoral dissertation - University of York, 2003.

DUARTE, E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 107-128.

DUARTE, E. L. On the embedding of a syntactic change. **Language Variation in Europe: Papers from ICLaVE2**. Uppsala, Sweden: Universitetstryckeriet, 2004. p. 145-155.

DUARTE, E. L. Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: CASTILHO, A. et al. (Org.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 35-48.

DUARTE, E. L.; KATO, M. Mudança paramétrica e orientação para o discurso. Comunicação apresentada no **XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Braga. 2008.

DUARTE, E. L. **A construção de topicalização em português europeu**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Lisboa, 1987.

DUARTE, E. L. A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa. In: **Actas do Congresso Internacional sobre o Português**, v. 1., p. 327-360. Lisboa: Colibri/APL, 1996.

DUARTE, E. L. et al. Geometria de traços e distribuição de pronomes sujeito em PE e em PB. Paper presented at the 3rd **Workshop do Projecto PE-PB**. Lisboa, September 23-25, 2002.

ERTESCHIK-SHIR, N. **The Dynamics of focus structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FERREIRA, M. B. **Argumentos Nulos em Português Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FIÉIS, A. **Ordem de Palavras, Transitividade e Inacusatividade. Reflexão Teórica e Análise do Português dos Séculos XIII a XVI**. Tese (Doutorado) - Universidade Nova de Lisboa, 2003.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição do sujeito em português brasileiro - frases finitas e infinitivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

- GALVES, C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- KATO, M.; TARALLO, F. Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (eds). **Studies in Romance Linguistics**. Dordrecht: Foris, 1986. p. 343-358.
- LI, C-N.; THOMPSON, S. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C-N (ed.). **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976. p. 457-489.
- NEWMeyer, F. **In defense of the autonomy of syntax**. Handout of presentation at Scandinavian Dialect Syntax Meeting, University of Tromsø. 2007.
- PONTES, E. **O Tópico no Português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. **Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar**. Rutgers University Center for Cognitive Science Technical Report 2. 1993.
- RIBEIRO, I. **O sujeito nulo referencial no português popular brasileiro – séc. XIX**, ms., Universidade Federal da Bahia. 2008.
- RIZZI, L. On the status of subject clitics in romance. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (eds). **Studies in Romance Linguistics**. Dordrecht: Foris, 1986. p. 391-419.
- SILVA, C. T. **A natureza de Agr e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e português europeu**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2004.
- SILVA, C. T. Por uma análise morfossintática para a posição dos sujeitos pré-verbais no português brasileiro e no português europeu. **Leitura**. n. 33, p. 31-51, 2006.
- VALLDUVI, E. **The Informational Component**. New York: Garland, 1992.

*Recebido em agosto de 2009
Aprovado em janeiro de 2010*

SOBRE O AUTOR

João Miguel Marques da Costa é Doutor pela Rijksuniversiteit Leiden, Países Baixos. Professor da Universidade Nova de Lisboa. Publicou 22 artigos em revistas especializadas e 30 trabalhos em actas de eventos, possui 29 capítulos de livros e 13 livros publicados. Possui 241 itens de produção técnica. Participou em 100 eventos no estrangeiro e 51 em Portugal. Recebeu 2 prémios e/ou homenagens. Actua na área de Linguística. Nas suas actividades profissionais interagiu com 21 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos.
email: jcosta@fesh.unl.pt